

**SER-PARA-A-TERRA: LUGARES DA ECOLOGIA NA FILOSOFIA DE
NIETZSCHE E HEIDEGGER**

**BEING-FOR-THE-EARTH: ECOLOGICAL PLACES IN THE PHILOSOPHY OF
NIETZSCHE AND HEIDEGGER**

**SEIN-FÜR-DIE-ERDE: PLÄTZE DER ÖKOLOGIE IN DER PHILOSOPHIE VON
NIETZSCHE UND HEIDEGGER**

Jan Clefferson Costa de Freitas¹

Resumo

O pensamento de Friedrich Nietzsche e de Martin Heidegger antecipam temas e problemas que serão motivos de grandes debates no século XXI. A partir da noção de Terra, presente em diversas partes das obras de Nietzsche e Heidegger, o principal objetivo deste trabalho vem a ser realizar uma análise e descrição dos lugares da ecologia na filosofia dos dois pensadores, no sentido de apresentar as suas contribuições para um entendimento mais originário das problemáticas ambientais que emergem no mundo contemporâneo. As metodologias para o desenvolvimento desta investigação são: revisão bibliográfica em diversos idiomas; leitura aproximada dos autores principais e dos comentários críticos; e escrita criativa sobre as ideias ecológico-filosóficas de Nietzsche e Heidegger. Os resultados almejados pretendem evidenciar em que medida os filósofos em destaque se colocam como antagonistas da direção tomada pela civilização moderna, sendo esta última para eles a grande responsável pelo abandono do ser, pela ausência do pensar, pelo distanciamento da vida, da conexão com a natureza e de um relacionamento autêntico com a Terra. Em última análise, com a finalidade de apresentar a indispensabilidade de uma compreensão ecológico-filosófica do tempo presente, acenaremos para as convergências e divergências compartilhadas por Nietzsche e Heidegger no que concerne à reflexão sobre a importância da relação de mútuo pertencimento entre humanidade e realidade natural.

Palavras-chave: Ecologia; Filosofia; Humanidade; Ser; Terra.

Abstract

The thought of Friedrich Nietzsche and Martin Heidegger foreshadow themes and issues that will become subjects of significant debate in the 21st century. Grounded in the notion of Earth, prevalent throughout the works of Nietzsche and Heidegger, the primary aim of this study is to conduct an analysis and description of ecological places within the philosophies of both thinkers, with the intent of presenting their contributions to a more fundamental understanding of the environmental challenges arising in the contemporary world. Methodologies employed in this inquiry include: multilingual literature review; close reading of primary texts and critical commentaries; and creative writing on the ecological-philosophical ideas of Nietzsche and Heidegger. The anticipated results seek to demonstrate the extent to which these philosophers

¹ Bacharel, Mestre, Doutor e Pós-Doutor em Filosofia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Especialista em Neurociências pela Faculdade Única. Membro Associado da Rede de Grupos de Agroecologia do Brasil. Email: jancl Jeffersonphil@gmail.com

position themselves as antagonists to the trajectory of modern civilization, which they view as largely responsible for the abandonment of being, the absence of thought, the estrangement from life, the disconnection from nature, and the lack of an authentic relationship with the Earth. Ultimately, in order to underscore the necessity of an ecological-philosophical understanding of the present moment, we will highlight the convergences and divergences shared by Nietzsche and Heidegger regarding reflections on the significance of the reciprocal belonging between humanity and the natural world.

Keywords: Ecology; Philosophy; Humanity; Being; Earth.

Zusammenfassung

Die Gedanken von Friedrich Nietzsche und Martin Heidegger antizipieren Themen und Probleme, die im 21. Jahrhundert Gegenstand großer Debatten sein werden. Ausgehend vom Konzept der Erde, das in verschiedenen Teilen der Werke von Nietzsche und Heidegger präsent ist, zielt diese Arbeit darauf ab, eine Analyse und Beschreibung der Ökologie in der Philosophie der beiden Denker vorzunehmen, um ihre Beiträge für ein tieferes Verständnis der Umweltprobleme zu präsentieren, die in der heutigen Welt auftauchen. Die Methoden für die Entwicklung dieser Untersuchung sind: Literaturrecherche in verschiedenen Sprachen; Annähernde Lektüre der Hauptautoren und kritische Kommentare; und kreative Schreibebeit über die öko-philosophischen Ideen von Nietzsche und Heidegger. Die angestrebten Ergebnisse sollen zeigen, inwieweit sich die herausragenden Philosophen als Gegner der von der modernen Zivilisation eingeschlagenen Richtung positionieren, wobei letztere für sie für die Verlassenheit des Seins, das Fehlen des Denkens, die Entfremdung vom Leben, von der Verbindung mit der Natur und von einer authentischen Beziehung zur Erde verantwortlich ist. Letztendlich werden wir darauf abzielen, die Unverzichtbarkeit eines öko-philosophischen Verständnisses der Gegenwart aufzuzeigen, indem wir auf die Gemeinsamkeiten und Unterschiede hinweisen, die Nietzsche und Heidegger in Bezug auf die Bedeutung der wechselseitigen Zugehörigkeit zwischen Menschheit und natürlicher Realität reflektieren.

Schlüsselwörter: Ökologie; Philosophie; Menschheit; Sein; Erde.

Introdução: ética natural e filosofia ecológica em Nietzsche e Heidegger

As obras de Friedrich Nietzsche [1844 - 1900] e Martin Heidegger [1889 - 1976] têm ecoado através do tempo ao anteciparem e abordarem, quase de maneira premonitória, as problemáticas filosóficas e existenciais que se tornaram inescapáveis no século XXI (Lack, 2014; Manschot, 2022). Dos problemas diagnosticados por estes filósofos, se destacam tanto a falta quanto a busca de um sentido para a vida, a relação de distanciamento e proximidade da humanidade com a natureza e a própria condição de ser no mundo moderno (Shapiro, 2016; Marder, 2018). Dentro deste contexto emerge a figura da *Terra* como um tema recorrente e significativo que permeia as reflexões de ambos os pensadores em diferentes nuances e perspectivas, como, por exemplo, no que concerne à possibilidade de aproximação entre filosofia e ecologia através da tentativa de compreender com mais profundidade os desafios humanos e ambientais que tomarão conta do horizonte da contemporaneidade.

Este artigo se propõe a analisar e descrever os territórios da ecologia no ideário nietzschiano e heideggeriano, através de uma leitura aproximada das obras *Also sprach Zarathustra* e *Bauen Whonen Denken*, dentre outras que por ventura sejam pertinentes, a fim de discernir as contribuições que oferecem para uma maior compreensão das complexidades existenciais e ambientais contemporâneas (Lack, 2014; Shapiro, 2016; Marder, 2018; Manschot, 2022). Por meio de uma abordagem que visa compreender a existência de uma possível filosofia ecológica nos escritos de Nietzsche e Heidegger, busca-se elucidar em que medida as suas visões se conectam e se distanciam no que diz respeito à relação de mútuo pertencimento estabelecida entre humanidade e natureza: um diálogo que abre espaço à reflexão sobre uma ética natural no panorama do pensamento contemporâneo.

Para alcançar este objetivo serão utilizadas metodologias diversas e complementares. Uma revisão bibliográfica extensiva que inclui a multiplicidade referencial passa a ser realizada com o propósito de estabelecer fundamentos sólidos para a compreensão das concepções filosóficas de Nietzsche e Heidegger em relação à *Terra* (Lack, 2014; Shapiro, 2016). Além disso, uma leitura aproximada das obras dos dois pensadores elencadas no parágrafo anterior aliada a comentários críticos de grandes estudiosos intenciona proporcionar uma imersão no cerne das reflexões e investigações ecológico-filosóficas desenvolvidas pelos primeiros (Marder, 2018; Manschot, 2022). Os principais autores de apoio para a análise e descrição de uma ética ecológica na filosofia nietzschiana e heideggeriana são Anthony Lack (2014), em *Martin Heidegger: Technology, Ecology, and Arts*; Gary Shapiro (2016), em *Nietzsche's Earth*; Michael Marder (2018), em *Heidegger: Phenomenology, Ecology, and Politics*; e Henk Manschot (2022), em *Nietzsche and the Earth*. Os comentadores selecionados apresentam uma

notável fortuna crítica que não se limita às duas obras mencionadas dos filósofos colocados em perspectiva: sendo esta riqueza teórica justificada pelas suas interpretações autênticas e complexas acerca dos lugares da ecologia no pensamento de Friedrich Nietzsche e de Martin Heidegger.

A abordagem metodológica deste estudo também abraça uma dimensão criativa ao promover uma escrita reflexiva e interpretativa das ideias ecológico-filosóficas presentes direta ou indiretamente nas obras de Nietzsche e Heidegger. Este método criativo de escrever desenvolvido por grandes ícones da literatura contemporânea, como Julia Cameron (2002) em *The Artist's Way* e Stephen King (2010) em *On Writing*, influenciou grandes filósofos do século XX como Paul Ricoeur [1913-2005], Gilles Deleuze [1925-1995], Jacques Derrida [1930-2004] e Richard Rorty [1931-2007] na constituição das suas obras. Nesse sentido, o exercício metodológico empreendido na desenvoltura do texto tem por meta a criação de novas terminologias (Cameron, 2002): para que seja facilitado o entendimento de expressões que são típicas da filosofia nietzschiana e heideggeriana; bem como tem por objetivo proporcionar o desvelamento de nuances pouco óbvias (King, 2010): ao identificar os pontos de convergência e divergência entre Nietzsche e Heidegger, especialmente no que diz respeito à crítica da modernidade, à problemática ambiental e à relação intrínseca entre o ser humano e a esfera natural.

Os resultados esperados deste empreendimento filosófico visam ultrapassar uma exposição elementar das noções de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger sobre a *Terra* ao adentrar em uma análise profunda das implicações das suas ideias no contexto da civilização contemporânea. Por um lado, veremos como antagonizam o *Além-Humano* e o *Último-Humano* na fundamentação de uma ética natural no ideário de Nietzsche (Kaufmann, 1975; Murrey, 2015). Por outro lado, veremos em que medida a *quadratura do mundo*, constituída por *Céu, Terra, Divinos e Mortais*, abre caminho para a consolidação de uma filosofia ecológica em Heidegger (Borgmann, 1987; Wood, 2019). Após a conciliação das tensões estabelecidas pelo diálogo entre os autores centrais pretende-se evidenciar como os dois filósofos se opõem à trajetória adotada pela modernidade, ao responsabilizá-la pelo esquecimento do ser, pela alienação do pensamento, pela desertificação da existência, pela devastação do planeta, pela desconexão com a vida e pela falta de um relacionamento autêntico do indivíduo com a *Terra*, ou seja, pelos problemas ontológicos e ecológicos que afetam a contemporaneidade.

1 - Ética Natural em Nietzsche: o além-humano *versus* o último-humano

Para pensarmos uma ética natural em Friedrich Nietzsche precisamos antes compreender o que ele entende por Além-Humano [*Übermensch*]. Segundo Walter Kaufmann (1975), a expressão *hyperanthropos* aparece pela primeira vez nos escritos do ensaísta grego Luciano de Samósata [125-181] – apreciados pelo jovem Nietzsche nos seus estudos de filologia clássica realizados em Basiléia. Posteriormente, escrito na língua alemã, o conceito emerge nas obras de Johann Gottfried von Herder [1744-1803] e Johann Wolfgang von Goethe [1749-1832]. De toda maneira, para o ser a falar por meio de Zarathustra, podemos dizer que todas as diferentes versões do *Übermensch* aparecem desde o princípio como “símbolos da recusa de qualquer conformidade a uma única norma: antíteses à mediocridade e estagnação. Assim como ele próprio tentara romper com a conformidade para realizar sua própria individualidade única” (Kaufmann, 1975, p. 309, tradução nossa)². Em outras palavras, o Além-Humano simboliza o ideal da autossuperação, a transgressão das limitações impostas pelas convenções, a transcendência das moralidades herdadas e dos padrões estabelecidos pela cultura do ressentimento, sendo esta última edificada pelos envenenadores do mundo, desprezadores do corpo e inimigos da vida (Murrey, 2015; Shapiro, 2016). Nesse sentido, a ética natural seria a busca da humanidade pela sua realização autêntica fora das normas estabelecidas, ao abraçar a totalidade da experiência existencial e encontrar significado mesmo nas adversidades, em sincronia com a própria natureza e fidelidade para com a *Terra*: o que implica na preservação do meio ambiente enquanto lugar de onde nós vivemos, nos movemos e temos a nossa existência. Dessa maneira ensina o mestre Zarathustra:

Vede, eu ensino-vos o Além-Humano! O Além-Humano é o sentido da Terra. Assim fale a vossa vontade: possa o Além-Humano tornar-se o sentido da Terra! Conjuro-vos, meus irmãos, permaneçei fiéis à Terra e não acrediteis naqueles que vos falam de esperanças supramundanas! São envenenadores, quer o saibam ou não. São desprezadores da vida, moribundos e eles mesmos envenenados, dos quais a Terra está cansada: que eles partam! (Nietzsche, *ASZ-I*, 3, 1988, tradução nossa)³.

² “[...] symbols of the repudiation of any conformity to a single norm: antitheses to mediocrity and stagnation. As he himself had tried to break with conformity in order to realize his own unique individuality” (Kaufmann, 1975, p. 309).

³ “Seht, ich lehre euch den Übermenschen! Der Übermensch ist der Sinn der *Erde*. Euer Wille sage: der Übermensch sei der Sinn der *Erde*! Ich beschwöre euch, meine Brüder, bleibt der Erde treu und glaubt Denen nicht, welche euch von überirdischen Hoffnungen reden! Giftmischer sind es, ob sie es wissen oder nicht. Verächter des Lebens sind es, Absterbende und selber Vergiftete, deren die Erde müde ist: so mögen sie dahinfahren!” (Nietzsche, *Also sprach Zarathustra I*, 3, 1988). Doravante, para *Also sprach Zarathustra* utilizaremos a sigla ASZ.

Nos termos de uma ética natural, através do *Übermensch* Nietzsche acena para a superação da moralidade condicionada pelas doutrinas antinaturais da modernidade, que no lugar de ensinar a liberdade de espírito e a fidelidade à *Terra* ensinam a rejeição da multiplicidade das forças presentes no mundo como caminho para a redenção, sendo esta última assegurada pelo envenenamento moral. A seguir por esta linha de interpretação: “Podemos dizer que a terra será o lar para a figura enigmática do *Übermensch*, uma figura definida por sua própria futuridade radical, uma futuridade tornada livre na inocência de um devir sem impedimento” (Shapiro, 2016, p. 135, tradução nossa)⁴. A passagem em análise destaca a rejeição de Nietzsche a esperanças supramundanas e evidencia a sua advertência contra os envenenadores da vida. Ao realizar uma abordagem original do Além-Humano nietzschiano, Henk Manschot oferece interpretações sobre como o conceito em debate se conecta às questões éticas, políticas e ambientais contemporâneas. Nas palavras do autor: “O caminho que Zarathustra percorre nos oferece um vislumbre de todas as coisas que mudarão se os seres humanos modernos realmente se voltarem para a terra em suas vidas e em seu pensamento. Ele empreende essa jornada por nós” (Manschot, 2022, p. 88, tradução nossa)⁵. Desde um ângulo de visão ecológico, a devastação do planeta vem a ser uma consequência da modernização que com a sua proposta de dominar a natureza polui os ares, as águas e o solo, queima florestas inteiras e condena os animais à extinção, além de ameaçar a existência humana em nome de uma pretensa noção de progresso. Nessa perspectiva, compreender a humanidade como um ideal a ser superado pode ampliar a abrangência do impacto das palavras de Zarathustra em relação ao sentido da vida na *Terra*, à preservação do meio ambiente enquanto espaço de habitação e à busca contemporânea por um destino que ultrapasse as limitações estabelecidas pelo processo de desumanização do ser humano.

Agora que compreendemos de modo sucinto a enigmática noção do Além-Humano em Friedrich Nietzsche, para que possamos avançar no entendimento de uma ética natural no pensamento do filósofo, vamos então analisar e descrever o antagonista do *Übermensch*, a saber: o Último-Humano [*letzten Menschen*]. Segundo Lucas Murrey (2015), o conceito em destaque ressalta o apequenamento da experiência de ser no mundo, o questionamento cínico dos valores fundamentais da vida humana, a persistência insensata do indivíduo moderno em atitudes medíocres, a morte da aspiração de superar a si mesmo, a transformação do jardim da

⁴ “We can say that earth will be a home for the enigmatic figure of the *Übermensch*, a figure defined by its own radical futurity, a futurity set free in the innocence of a becoming without debt (Shapiro, 2016, p. 135).

⁵ The path that Zarathustra climbs offers us a glimpse of all the things that will change if modern humans truly undertake a turn towards the earth in their lives and their thinking. He undertakes that journey for us” (Manschot, 2022, p. 88).

Terra em deserto estéril. Nos termos do autor: “Considere “o último humano” como aquele que “pisca” enquanto contempla (indiferente) o amor, a criação e o espanto, e se opõe à mágica luminosa de “uma estrela dançante” que ascende do “caos”” (Murrey, 2015, p. 45, tradução nossa)⁶. Expresso de outra maneira, os Últimos-Humanos podem ser compreendidos como aqueles que graças aos piores aspectos da modernização perderam a capacidade de admirar as coisas extraordinárias, de apreciar a beleza daquilo que existe de autêntico em tudo e de estarem conectados à natureza enquanto matriz de pertencimento originário (Shapiro, 2016; Manschot, 2022); não obstante, também são estes os indivíduos domesticados pelas ideologias dominantes do seu tempo: condicionados por ideias e movimentos que os conduzem à mediocridade pessoal, à normatividade antinatural, à degenerescência dos seus sonhos, à desumanização da sua própria humanidade. Deixemos, pois, Zarathustra nos ensinar no que consiste o Último-Humano:

Ah! Chega o tempo em que o humano não dará mais luz à uma estrela. Ah! Chega o tempo do humano mais desprezível, que já não pode desprezar a si mesmo. Vede! Eu vos mostro o Último-Humano. “O que é o amor? O que é a criação? O que é a admiração? O que é a estrela?” — assim pergunta o Último-Humano e pisca os olhos. A Terra tornou-se pequena então, e sobre ela salta o Último-Humano, que torna tudo pequeno. Sua espécie é indelével, como a pulga da Terra; o Último-Humano vive por mais tempo (Nietzsche, *ASZ-I*, V, 1988, tradução nossa)⁷.

Tal qual exprime o discurso de Zarathustra, a mentalidade da era moderna transformou a humanidade em uma colônia de pulgas, insetos de caráter parasítico que desvitalizam o mundo e que como tais, isto é, como os Últimos-Humanos, se tornam antagonistas do Além-Humano, daquele que contrário às diretrizes do rebanho procura o sentido da *Terra*: “A massa de humanos é essencialmente composta por animais sem qualquer dignidade única, e “o objetivo do desenvolvimento” não pode, portanto, residir “na massa de exemplares ou no bem-estar deles”, mas apenas “em indivíduos humanos excepcionais”” (Kaufmann, 1975, p. 173, tradução nossa)⁸. A noção de desenvolvimento na filosofia de Nietzsche não diz respeito ao progresso prometido pelo ideal da modernidade que afasta o ser humano da integração com a natureza,

⁶ “Consider “the last human” who “blinks” while gazing (indifferently) at love, creation, and wonder (5.1), and who opposes the luminous magic of “a dancing star” ascending from “chaos”” (Murrey, 2015, p. 45).

⁷ Wehe! Es kommt die Zeit, wo der Mensch keinen Stern mehr gebären wird. Wehe! Es kommt die Zeit des verächtlichsten Menschen, der sich selber nicht mehr verachten kann. Seht! Ich zeige euch den letzten Menschen. „Was ist Liebe? Was ist Schöpfung? Was ist Sehnsucht? Was ist Stern?“ — so fragt der letzte Mensch und blinzelt. Die *Erde* ist dann klein geworden, und auf ihr hüpfet der letzte Mensch, der Alles klein macht. Sein Geschlecht ist unaustilgbar, wie der Erdflöh; der letzte Mensch lebt am längsten“ (Nietzsche, *ASZ-I*, V, 1988).

⁸ “The mass of men are essentially animals without any unique dignity, and “the goal of development” cannot, therefore, lie “in the mass of specimens or in their well-being” but only “in single great human beings” (Kaufmann, 1975, p. 137).

desvitaliza as suas forças mais poderosas e faz com que este sinta-se inerte no lamaçal da negatividade, conformado com as suas próprias limitações e sem a mínima vontade de transformação. Destarte, a promessa de bem-estar e satisfação com superficialidades que acompanha o advento da modernização: “Contribui para tornar a Terra pequena, avançar o domínio dos últimos humanos e gerar uma cegueira geral para o futuro imprevisível e as oportunidades fugazes, mas genuínas, oferecidas pelo acaso” (Shapiro, 2016, p. 200, tradução nossa)⁹. Por conseguinte, quando pensamos em uma ética natural no ideário nietzschiano temos como exemplo o Além-Humano e por contraexemplo o Último-Humano: enquanto o primeiro simboliza o apreço pela vida em todas as suas formas, o segundo representa o desprezo pela existência em todos os seus aspectos. Em linhas gerais, uma análise crítica das duas passagens aqui discutidas da obra de Nietzsche evidencia a sua grande preocupação com a desumanização massificada, com a ameaça do avanço dos envenenadores do planeta, com o embrutecimento disfarçado de comodidade humana e com a imprescindibilidade de uma reflexão mais profunda sobre o significado da relação indissociável que nós temos desde sempre com a *Terra*.

2 - Filosofia Ecológica em Heidegger: as interconexões da quadratura do mundo

A fim de que possamos compreender uma filosofia ecológica em Martin Heidegger precisamos preliminarmente estar cientes do que para ele significa a Quadratura do Mundo [*Geviert der Welt*]. Conforme sugere Anthony Lack (2014), o conceito em destaque aparece a princípio no ensaio heideggeriano intitulado *Bauen Whonen Denken*, escrito em 1951. A ideia em questão pode ser pensada tanto no sentido de uma crítica à modernidade como também na perspectiva de uma ecologia ontológica, pois sugere que na interconexão entre o *Céu*, a *Terra*, os *Deuses* e os *Mortais* vigora uma relação autêntica com a natureza, a emergência de preservar os ecossistemas, o contramovimento à exploração predatória do planeta e a valorização do meio ambiente enquanto espaço habitacional: “A sensação de habitar na quadratura revela o sublime heideggeriano e pode gerar a sensação de maravilhamento tranquilo que caracteriza a perspectiva ecológica, um silêncio respeitoso e uma apreciação pela alteridade da natureza” (Lack, 2014, p. 55, tradução nossa)¹⁰. Na concepção de Heidegger, a modernização traz consigo a homogeneização da espacialidade construída, o que implica no empobrecimento da biodiversidade asfixiada pela poluição, incinerada por lança-chamas de propulsão e soterrada

⁹ It contributes to making the earth small, furthers the regime of the last humans, and produces a general blindness to the unpredictable future and the fleeting but genuine opportunities offered by chance (Shapiro, 2016, p. 200).

¹⁰ A sense of dwelling in the fourfold reveals the Heideggerian sublime, and can generate the sense of quiet wonder that characterizes the ecological view, a respectful silence and an appreciation for the otherness of nature (Lack, 2014, p. 55).

pelo concreto; na perda da singularidade dos lugares, que deixam de ter uma identidade própria; na desconexão do ser humano com a esfera natural, que tem como consequência a devastação do globo terrestre; na despersonalização das habitações, que favorece a utilidade em detrimento da autenticidade; e no fracasso em compreender a profundidade existencial, o que repercute no esquecimento do ser. Desta feita, o pensador descreve o habitar na Quadrilateralidade:

No salvamento da Terra, na recepção do Céu, na espera do Divino, no acompanhamento dos Mortais é assim que acontece propriamente um habitar, enquanto acolhimento da quadrilateralidade da quadratura. Acolher significa: abrigar a quadratura em sua própria plenitude de essência. O que se toma sob proteção deve ser acolhido. [...] Os mortais jamais conseguiriam habitar se este fosse tão somente uma permanência sobre a terra, sob o céu, diante dos deuses, junto aos mortais. Habitar é bem mais um permanecer junto às coisas. Enquanto acolhimento, o habitar resguarda a quadratura naquilo junto a que os mortais permanecem: nas coisas (Heidegger, 1977, §145, p. 152 – 153, tradução nossa)¹¹.

A definição heideggeriana da Quadratura como simplicidade exemplifica um habitar autêntico, uma abertura para as múltiplas condições de possibilidade que vão além de uma mera existência física no mundo. Por um lado, ao descrever o movimento de salvar a *Terra*, receber o *Céu*, aguardar os *Deuses* e acompanhar os *Mortais*, Heidegger acena para a importância de compreender a relação de mútuo pertencimento entre a imanência e a transcendência, entre o ontológico e o teológico e assim por diante. A descrição heideggeriana do Quadrilátero Mundano pode reverberar como uma crítica à modernidade, pois esta última tende a explorar a natureza de maneira utilitária, a destituir as coisas da sua própria autenticidade e a lançar no esquecimento as principais concepções da metafísica: “Dessa maneira, a coisa (em conformidade com seu significado etimologicamente original) reúne e revela o que Heidegger chama de quadrilátero, o jogo interativo das dimensões cruciais da terra e do céu, dos mortais e das divindades” (Borgmann, 1987, p. 198, tradução nossa)¹². Por outro lado, quando versa sobre a noção de acolhimento, cuidado, preservação ou resguardo, o filósofo sugere para a humanidade uma atitude de responsabilidade com o meio ambiente, bem como com a manutenção das conexões fundamentais que constituem a Quadrilateralidade, ou seja, um posicionamento de caráter crítico perante à negligência ambiental muitas vezes associada à

¹¹ “Im Retten der Erde, im Empfangen des Himmels, im Erwarten der Göttlichen, im Geleiten der Sterblichen ereignet sich das Wohnen als das vierfältige Schonen des Gevierts. Schonen heißt: das Geviert in seinem Wesen hüten. Was in die Hut genommen wird, muß geborgen werden. [...] Die Sterblichen vermöchten dies niemals, wäre das Wohnen nur ein Aufenthalt auf der Erde, unter dem Himmel, vor den Göttlichen, mit den Sterblichen. Das Wohnen ist vielmehr immer schon ein Aufenthalt bei den Dingen. Das Wohnen als Schonen verwahrt das Geviert in dem, wobei die Sterblichen sich aufhalten: in den Dingen” (Heidegger, 1977, §145, p. 152 - 153).

¹² “In these ways the thing (in agreement with its etymologically original meaning) gathers and discloses what Heidegger calls the fourfold, the interplay of the crucial dimensions of earth and sky, mortals and divinities” (Borgmann, 1987, p. 198).

modernização, uma postura que implica no incentivo a um modo de viver mais ético em relação ao natural: “A horizontalidade de um lugar habitável está contida no *ethos* da ética, que, junto com a política ontológica, completa a ecologia heideggeriana. O que o logos ecológico articula são os eixos complementares de “acima” e “abaixo”, “esquerda” e “direita”” (Marder, 2018, p. 71, tradução nossa)¹³. Além disso, embora não seja um pensador da ecologia dentro dos moldes do século XXI, Heidegger oferece ideias a partir das quais podem ser pensados e discutidos muitos problemas fundamentais do tempo presente, tais como as diversas formas de poluição em massa, os grandes crimes ambientais nos continentes planeta, a exploração descontrolada dos recursos naturais não-renováveis e a desumanização do ser humano.

O habitar ecológico e filosófico concebido por Martin Heidegger, quando levado às suas últimas consequências, pode implicar em uma interconexão entre os extremos da Quadratura do Mundo: o que evidencia uma relação de reciprocidade na correspondência entre *Terra, Céu, Mortais e Imortais*. Conforme previsto por Anthony Lack (2014), o que está em cima, em baixo e de ambos os lados da simplicidade, juntos permanecem na plenitude dos caminhos que se cruzam na Quadrilateralidade, nas linhas de força que se integram e constituem no final das contas uma unidade existencial. Na reflexão do autor: “Com a expressão “unidade existencial”, queremos comunicar a consciência do habitante da quadratura como uma unidade, bem como a reunião ativa que ocorre quando os seres humanos habitam. Pois habitar não é meramente viver” (Lack, 2014, p. 56, tradução nossa)¹⁴. Neste planeta de formato esférico onde coexistem seres das mais diversas tonalidades e entes das mais variadas disposições, os indivíduos que se destinam com base nas extremidades quadrilaterais e seguem muito para o eixo Norte em algum momento encontram outros que seguiram demasiado para o eixo Sul; em semelhante proporção, aqueles que foram muito para o lado Ocidental mais cedo ou mais tarde encontram outros que caminharam em demasia para o lado Oriental e vice-versa. Como evidencia Heidegger, por mais que pareçam diametralmente opostos, os elementos definidores do Quadrilátero Mundano permanecem resguardados em uma relação de mútuo-pertencimento. Na perspectiva do pensador:

A permanência junto às coisas é, contudo, a mencionada simplicidade quadrilateral que constitui o acolhimento, mas não como uma quinta coisa a ser acrescentada. Ao contrário: o permanecer junto às coisas é a única maneira em que a permanência

¹³ “The horizontality of a dwelling place inheres with the *ēthos* of ethics—that, together with ontological politics, completes Heideggerian ecology—and what ecological logos articulates are these complementary axes of “above” and “below,” “left” and “right” (Marder, 2018, p. 71).

¹⁴ “With the phrase “existential unity,” we mean to convey the dweller’s awareness of the fourfold as a unity as well as the active gathering that occurs when humans dwell. For, to dwell is not simply to live” (Lack, 2014, p. 56).

própria da simplicidade alcança na quadrilateralidade uma integração consistente. O habitar acolhe a quadratura à medida que leva para as coisas a sua própria plenitude de ser. No entanto, as coisas elas mesmas apenas são quando deixadas ser em sua própria essência (Heidegger, 1977, §146, p. 153, tradução nossa)¹⁵.

Na passagem citada, Heidegger destaca a importância da permanência junto às coisas como uma forma de acolhimento e integração consistente na Quadratura do Mundo. Ele enfatiza que esse permanecer não vem a ser uma adição à Quadruplicidade, mas sim a única maneira pela qual os eixos quadrilaterais podem alcançar uma interconectividade coesa: “Os seres humanos são compostos por partículas físicas dispostas de maneiras específicas que instanciam e limitam as leis da ciência natural, sendo que os seres humanos fazem parte da natureza e apresentam as regularidades de um tipo natural” (Borgmann, 1987, p. 70, tradução nossa)¹⁶. Do ponto de vista de uma ecologia filosófica, o conceito heideggeriano em evidência pode ser considerado como um chamado à reconexão significativa e indissociável do ser humano com o campo natural próprio da sua humanidade. A perspectiva heideggeriana sugere que continuar junto às coisas consiste no ato fundamental para a interconexão da Quadrilateralidade, possivelmente em aceno para os elementos terrestres, celestes, humanos e divinos que não são abstrações, mas componentes de um vir a ser inteiramente histórico, de um existir “condicionado por uma abertura finita, política e ecologicamente infletida de nosso mundo, o mundo de convivência com os outros e de estar no habitar da dobra elemental” (Marder, 2018, p. 4, tradução nossa)¹⁷. A ideia de que o habitar acolhe a simplicidade ao levar a sua própria plenitude para as coisas pode ser compreendida como uma ênfase na imprescindibilidade de interagir com o meio ambiente de forma autêntica e respeitosa. As coisas elas mesmas, segundo Heidegger, desvelam a essência que lhes é própria quando são facultadas a ser como são, sem interferências excessivas ou imposições antinaturais. Desde uma perspectiva ecologicamente orientada, a abordagem correlativa das forças do Quadrilátero Mundano pode ressoar com a ideia de preservação ambiental – um contraponto à desertificação deliberada pelo processo tecnocrático advindo da modernização –, pois reconhece e compreende o vigor de ser autêntico da natureza ao acolher o dinamismo que a faz merecedora de respeitabilidade.

¹⁵ “Der Aufenthalt bei den Dingen ist jedoch der genannten Vierfalt des Schonens nicht als etwas Fünftes nur angehängt, im Gegenteil: der Aufenthalt bei den Dingen ist die einzige Weise, wie sich der vierfältige Aufenthalt im Geviert jeweils einheitlich vollbringt. Das Wohnen schont das Geviert, indem es dessen Wesene in die Dinge bringt. Allein, die Dinge selbst bergen das Geviert nur dann, wenn sie selber als Dinge in ihrem Wesenf gelassen werden” (Heidegger, 1977, §146, p. 153).

¹⁶ “Humans are composed of physical particles arranged in particular ways which instantiate and constrain the laws of natural science, and human beings are part of nature and exhibit the regularities of a natural kind” (Borgmann, 1987, p. 70).

¹⁷ “[...] it is conditioned by a politically and ecologically inflected finite openness of our world, the world of living together with others and of being within the elemental fold” (Marder, 2018, p. 4).

Conclusão: Ser-para-a-Terra em tempos catastróficos

Neste início de segundo milênio uma grande variedade de tragédias ambientais em diversos lugares do mundo foi testemunhada pela humanidade. Muitos foram aqueles que por terem a atenção direcionada ao espetáculo da desinformação esqueceram das catástrofes ecológicas das duas últimas décadas (Lovelock, 2010; Latour, 2017). É importante notar que os eventos catastróficos têm implicações sobre a biodiversidade e nas comunidades humanas, bem como são procedentes de causas multifatoriais, sejam estas últimas antrópicas, naturais ou antrópico-naturais (Lovelock, 2010; Latour, 2017). Dessa maneira, antes que possamos compreender em definitivo o significado do título deste trabalho, *Ser-para-a-Terra*, bem como identificar os demais lugares da ecologia na filosofia de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger, uma retrospectiva dos eventos que evidenciam a devastação planetária em ascensão no século XXI precisa ser realizada.

Na visão ecológica apresentada por Nietzsche e Heidegger, a tentativa de dominar a natureza através do cálculo, de controlar os fenômenos físicos a partir da racionalidade, motivação central do projeto moderno por eles confrontado, tem por sucessividade a desertificação da existência e a degeneração da *Terra*. Além disso vale ressaltar que para os pensadores em maior evidência, as tragédias ambientais podem ser tanto naturais quanto antinaturais (Marder, 2018; Manschot, 2022). No ano de 2010, a explosão da plataforma *Deepwater Horizon* resultou no maior derramamento de óleo da história dos EUA. Milhões de barris de petróleo foram liberados no Golfo do México, o que causou imensos danos à vida marinha e aos ecossistemas costeiros: um desastre antinatural que, na leitura de James Lovelock (2010) e Antony Lack (2014), teria sido provocado por interferência antrópica. No ano seguinte, em 2011, um terremoto seguido por um tsunami atingiu a usina nuclear de Fukushima, no Japão, e ocasionou graves vazamentos radioativos. Foi o segundo pior acidente nuclear da história depois de Chernobyl, porém, como observado em momentos similares por Bruno Latour (2017) e Gary Shapiro (2018), proveniente de fatores naturais. Em 2015 o rompimento de uma barragem da empresa Samarco em Mariana, Minas Gerais, Brasil, liberou uma massiva quantidade de lama poluída no rio Doce. O acontecimento desastroso prejudicou tudo no ecossistema aquático, causou a morte de peixes, destruição de comunidades ribeirinhas e impactos a longo prazo na biodiversidade: um colapso do tipo pensado por Michael Marder (2018) e Cristina Serra (2019) que teve por causa a combinação de intervenção destruidora com resposta autodefensiva da natureza. Quatro anos depois, em 2019, a ruptura de uma represa de resíduos de mineração em Brumadinho, Brasil, resultou em um enorme quantitativo de

sedimentos contaminados que inundaram áreas residenciais e levaram centenas de pessoas a óbito, além de impactar severamente o meio ambiente: uma extrema violência contra a diversidade biológica que, na interpretação de David Wood (2019) e Daniela Arbex (2022) teria sido provocada pela discalculia tecnocrática. Tudo isso para não falar do derretimento acelerado do gelo dos polos que pode resultar no aumento do nível do mar e inundações por todo o planeta, nem sobre os incêndios florestais decorrentes do aquecimento global na Amazônia, Califórnia e Austrália nestes últimos 20 anos que tiveram por consequência o desalojamento e morte de seres humanos em todas as faixas etárias, o desaparecimento de animais de espécie rara e plantas seculares, assim como a emissão de toneladas de gás carbônico na atmosfera terrestre (Lovelock, 2010; Latour, 2017): um descalabro produzido pela atividade da devastação humana que, nas estimativas conjeturadas por Murray Bookchin (2017) e Aldo Leopold (2020), contribui a cada ano não somente com o aumento da poluição do ar atmosférico, mas implica na redução da qualidade e do tempo de vida dos seres humanos e espécies companheiras na *Terra*. As calamidades acima descritas, de uma certa maneira previstas por Nietzsche e Heidegger em sua crítica à modernidade, destacam os desafios que a humanidade enfrenta em relação à diminuição dos impactos das mudanças climáticas e à gestão sustentável da esfera ambiental.

Na perspectiva nietzschiana, segundo as observações Gary Shapiro (2016), as paixões despertam no indivíduo a consciência da necessidade de transformação do mundo. Na visão heideggeriana, conforme evidencia a interpretação de Michael Marder (2018), o estranhamento para com a realidade abre as portas para o mistério e desvela o sentido do extraordinário. Assim sendo, tal como ressaltado por Walter Kaufmann (1975) e Albert Borgmann (1987), analisado por Antony Lack (2014) e Gary Shapiro (2016), bem como descrito por David Wood (2019) e Henk Manschot (2022), a paixão suscitada pela ressonância com o movimento de regeneração planetária, bem como a angústia provocada pela dissonância com o acontecimento de degeneração da *Terra* podem ser os fios-condutores de uma ética natural e também de uma filosofia ecológica nos ideários de Nietzsche e Heidegger: visões de mundo fundamentadas na superação do ressentimento contra a vida, no resgate da conexão com a natureza e na retomada da questão-do-ser. Por essa razão:

Estou a levar a sério as nossas paixões porque, uma vez despertadas, elas podem bloquear ou inspirar a mudança que nós precisamos. E a reflexão sobre as suas condições subjacentes pode direcionar a atenção para quais problemas mais básicos precisam ser abordados. A explicação de Nietzsche sobre ressentimento é um exemplo disso. [...] Pode-se pensar que é um sinal de desespero recorrer à angústia em busca de esperança, para manter as possibilidades abertas. Estou a explorar a estranha, mas persuasiva, ideia de Heidegger de que, para estar verdadeiramente em casa no mundo,

devemos experimentar algo do Inquietante, do *unheimlich* (Wood, 2019, p. 52 – 53, tradução nossa)¹⁸.

O inquietante ao qual se refere David Wood vem a ser um sentimento de estranha familiaridade com os eventos inéditos da vida, como se aqueles que os vivenciam pela primeira vez já os tivessem vivenciado em algum momento desconhecido. As convergências e divergências entre Nietzsche e Heidegger, especialmente no que se refere à reflexão sobre a reciprocidade entre a humanidade e a natureza, evidenciam uma correlação de forças que se consolida não apenas no horizonte do pensamento, mas também nas dimensões materiais da realidade contemporânea (Lack, 2014; Shapiro, 2016; Marder, 2018; Manschot, 2022). Na perspectiva nietzschiana, como evidenciam Walter Kaufmann (1975) e Lucas Murrey (2015), a busca do sentido da *Terra* implica na superação da antinaturalidade desfiguradora dos Últimos-Humanos, ou seja, em um movimento de consciência na direção da naturalidade transfiguradora do Além-Humano (Shapiro, 2016; Manschot, 2022). Na reflexão heideggeriana, conforme expresso por Albert Borgmann (1987) e David Wood (2018), as interconexões da Quadratura do Mundo possibilitam o alinhamento entre as tonalidades humanas, divinas, celestes e terrestres, uma compreensão do panorama ecológico-existencial resguardada em sua plenitude pelo habitar poético (Lack, 2014; Marder, 2018). Os pontos de intersecção entre as ideias ecológicas de Nietzsche e Heidegger sugerem a necessidade de *Ser-para-a-Terra*: uma relação que envolve o reconhecimento da natureza como o componente quintessencial da existência do ser humano (Murrey, 2015; Wood, 2018). Esta fusão de horizontes pode inspirar a desenvoltura de uma ética ambiental e também de uma filosofia ecológica que juntas implicam na preservação, na sustentabilidade e no respeito pela biodiversidade, bem como na promoção de uma coexistência equilibrada entre os seres humanos e a esfera natural.

Em poucas palavras, a expressão *Ser-para-a-Terra* emerge de reflexões sobre os lugares da ecologia na filosofia de Nietzsche e Heidegger, respectivamente a partir das obras *Also Sprach Zarathustra* e *Bauen Whonen Denken*, sendo um conceito que sugere uma compreensão profunda da complementaridade de forças entre todos os seres vivos e do papel fundamental que a natureza desempenha na sustentação da vida. *Ser-para-a-Terra* implica em reconhecer o

¹⁸ “I am taking our passions seriously because, once aroused, they can block or inspire the change we need. And reflection on their underlying conditions can direct attention to which more basic problems need to be addressed. Nietzsche’s account of resentment is a case in point. [...] It might be thought to be a mark of desperation that I turned to angst for hope, for keeping possibilities open. I am tapping into Heidegger’s strange but persuasive idea that, to be truly at home in the world, we must experience something of the Uncanny, the *unheimlich*” (Wood, 2019, p. 52 - 53).

mundo natural não como fonte utilitária de recursos a ser explorada, mas sim enquanto matriz de pertencimento da qual viemos, na qual estamos e para a qual nós algum dia de outras formas retornaremos. Portanto, no desdobramento do presente estudo não apenas elucidamos algumas das contribuições filosóficas de Friedrich Nietzsche e Martin Heidegger para uma compreensão ecológica da contemporaneidade, mas também sinalizamos a urgência de uma maneira de ser mais consciente e comprometida com a *Terra*, bem como colocamos em relevo a imprescindibilidade de um habitar poético fundamentado na relação harmoniosa entre o ser humano e o meio ambiente.

Referências

ARBEX, Daniela. *Arrastados: os Bastidores do Rompimento da Barragem de Brumadinho, o Maior Desastre Humanitário do Brasil*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.

BOOKCHIN, Murray. *Ecologia Social e Outros Ensaios*. Trad. Mauro J. Cavalcanti. São Paulo: Rizoma Editorial, 2017.

BORGMANN, Albert. *Technology and the Character of Contemporary Life: a Philosophical Inquiry*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

CAMERON, Julia. *The Artist's Way: a Spiritual Path to a Higher Creativity*. New York: Jeremy P. Tarcher, 2002.

HEIDEGGER, Martin. Bauen Whonen Denken. In: *Gesamtausgabe*. I. Abteilung: Veröffentlichte Schriften 1914-1970. Vorträge und Aufsätze. Band 7. Frankfurt: Vittorio Klostermann, 1977.

KAUFMANN, Walter. *Nietzsche: Philosopher, Psychologist, Antichrist*. 4. Ed. New Jersey: Princeton University Press, 1975.

KING, Stephen. *On Writing: a Memoir of the Craft*. Massachusetts: Scrivener Press, 2010.

LACK, Anthony. *Martin Heidegger: Technology, Ecology, and Arts*. New York: Palgrave and Pivot, 2014.

LATOURE, Bruno. *Facing Gaia: Eight Lectures on the New Climatic Regime*. Cambridge: Polity Press, 2017.

LEOPOLD, Aldo. *A Ética da Terra*. Trad. Álvaro Boson de Castro Farias. Curitiba: Appris Editora, 2020.

LOVELOCK, James. *Gaia: Alerta Final*. Trad. Jesus de Paula Assis e Vera de Paula Assis. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.

MANSCHOT, Henk. *Nietzsche and the Earth: Biography, Ecology, Politics*. London: Bloomsbury Academic Press, 2022.

MARDER, Michael. *Heidegger: Phenomenology, Ecology, Politics*. Minnesota: University of Minnesota Press, 2018.

MURREY, Lucas. *Nietzsche and the Meaning of Earth*. Bethlehem: Lehigh University Press, 2015.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. Also sprach Zarathustra, ein buch für alle und keinen. In: *Sämtliche Werke*. Kritische Studienausgabe. Herausgegeben Giorgio Colli und Mazzino Montinari. Band 4. Berlin: Walter de Gruyter, 1988.

SERRA, Cristina. *Tragédia em Mariana: a História do Maior Desastre Ambiental do Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2018.

SHAPIRO, Gary. *Nietzsche's Earth: Great Events, Great Politics*. Chicago: University of Chicago Press, 2016.

WOOD, David. *Deep Time, Dark Times: on Being Geologically Human*. New York: Fordham University Press, 2019.

Recebido em: 08/04/2024.

Aprovado em: 12/07/2024.